

volume

26/2

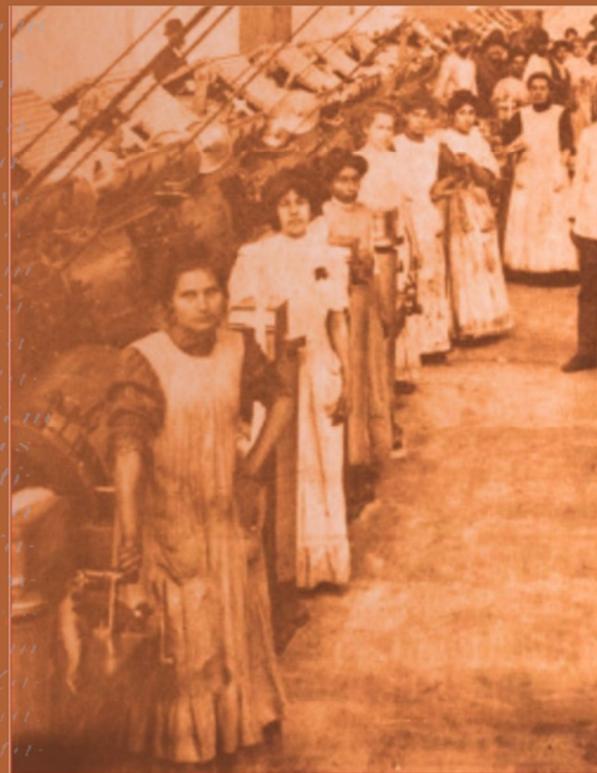
Julho/2021  
ICH - UFPel

# História em revista

revista do núcleo de documentação histórica

dossiê: História das Mulheres e Gênero em suas diversas abordagens

*CAJÁ A primeira de dem #1800 q primeira de dem  
especialidades em doces specialidades em doces  
para casamentos, baptipara casamentos, bapti  
sados e banquetes. E' usados e banquetes. E' a  
unica depositaria da afamada depositaria da afam  
mada Guarana Espumantada Guarana Espumant  
te e do excellente chocolate e do excelente choco  
late Laeta, fabricados emlate Laeta, fabricados em  
S. Paulo pelos Srs. ZAS, Paulo pelos Srs. Za  
notta Leonardo & Cipolla Leonardo & Cip  
A Confeitaria Brasileira Confeitaria Brasileira  
CAJÁ A primeira de dem #1800 q primeira de dem  
especialidades em doces specialidades em doces  
para casamentos, baptipara casamentos, bapti  
sados e banquetes. E' usados e banquetes. E' a  
unica depositaria da afamada depositaria da afam  
mada Guarana Espumantada Guarana Espumant  
te e do excelente chocolate e do excelente choco  
late Laeta, fabricados emlate Laeta, fabricados em  
S. Paulo pelos Srs. ZAS, Paulo pelos Srs. Za  
notta Leonardo & Cipolla Leonardo & Cip  
A Confeitaria Brasileira Confeitaria Brasileira*



Hist. Rev. Pelotas Número 26/2 p.1-202 Jul. 2021

ISSN 2596-2876





**Obra publicada pela  
Universidade Federal  
de Pelotas**

*Reitora*

Isabela Fernandes Andrade

*Vice-Reitora*

Ursula Rosa da Silva

*Chefe do Gabinete da Reitoria*

Aline Ribeiro Paliga

*Pró-Reitora de Ensino*

Maria de Fátima Cóssio

*Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação e Inovação*

Flávio Fernando Demarco

*Pró-Reitora de Extensão e Cultura*

Eraldo dos Santos Pinheiro

*Pró-Reitor de Assuntos Estudantis*

Fabiane Tejada da Silveira

*Pró-Reitor Administrativo*

Ricardo Hartlebem Peter

*Pró-Reitor de Planejamento e Desenvolvimento*

Paulo Roberto Ferreira Júnior

*Pró-Reitor de Gestão de Pessoas*

Taís Ulrich Fonseca

*Editora e Gráfica Universitária - Conselho Editorial*

*Presidente do Conselho Editorial:* Ana da Rosa  
Bandeira

*Representantes das Ciências Agrárias:* Victor  
Fernando Büttow Roll (TITULAR) e Sandra  
Mara da Encarnação Fiala Rechsteiner

*Representantes da Área das Ciências Exatas e da  
Terra:* Eder João Lenardão (TITULAR)

*Representantes da Área das Ciências Biológicas:*  
Rosângela Ferreira Rodrigues (TITULAR) e  
Francieli Moro Stefanello

*Representantes da Área das Engenharias:*  
Reginaldo da Nóbrega Tavares (TITULAR)

*Representantes da Área das Ciências da Saúde:*  
Fernanda Capella Rugno (TITULAR) e  
Anelise Levay Murari

*Representantes da Área das Ciências Sociais  
Aplicadas:* Daniel Lena Marchiori Neto  
(TITULAR), Eduardo Grala da Cunha e  
Maria da Graças Pinto de Britto

*Representante da Área das Ciências Humanas:*  
Charles Pereira Pennaforte (TITULAR),  
Lucia Maria Vaz Peres e Pedro Gilberto da  
Silva Leite Junior

*Representantes da Área das Linguagens e Artes:*  
Lúcia Bergamaschi Costa Weymar  
(TITULAR), Chris de Azevedo Ramil e João  
Fernando Igansi Nunes

*Instituto de Ciências Humanas*

*Diretor:* Prof. Dr. Sebastião Peres

*Vice-Diretora:* Profa. Dra. Andréa Lacerda  
Bachettini

*Núcleo de Documentação História da UFPel –  
Profa. Beatriz Ana Loner*

*Coordenadora:*

Prof<sup>a</sup> Dra. Lorena Almeida Gill

*Membros do NDH:*

Prof<sup>a</sup> Dra. Lorena Almeida Gill

Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes

Prof. Dr. Jonas Moreira Vargas

*Técnico Administrativo:*

Paulo Luiz Crizel Koschier

*História em Revista* – Publicação do Núcleo de Documentação Histórica

*Comissão Editorial:*

Prof<sup>ª</sup> Dra. Lorena Almeida Gill  
Paulo Luiz Crizel Koschier

*Conselho Editorial:*

Prof<sup>ª</sup> Dra. Helga I. Landgraf Piccolo (UFRGS)

Prof. Dr. René Gertz (UFRGS) (PUCRS)

Prof. Dr. Temístocles A. C. Cezar (UFRGS)

Prof<sup>ª</sup> Dra. Beatriz Teixeira Weber (UFMS)

Prof<sup>ª</sup> Dra. Maria Cecília V. e Cruz (UFBA)

Prof. Dr. Marcelo Badaró Mattos (UFF)

Prof<sup>ª</sup> Dra. Joan Bak (Univ. Richmond – USA)

Prof. PhD Pablo Alejandro Pozzi (Universidad de Buenos Aires).

Prof. Tommaso Detti (Università Degli Studi di Siena)

*Editora:* Lorena Almeida Gill

*Editoração e Capa:* Ariane Regina Bueno da Cunha, Gabrielle Nogueira Oliveira e Paulo Luiz Crizel Koschier

*Imagem da capa:* Companhia Fiação e Tecidos de Pelotas – RS .

*Pareceristas ad hoc:*

Ana Maria Sosa González – UFPel | Aristeu Lopes – UFPel | Carolina Bonilha – UFPel | Carolina Kesser – UFPel | Daniele Gallindo – UFPel | Elisiane Chaves – UFPel | Fernanda Fonseca Pereira – FURG | Hudson Carvalho – UFPel | Igor Simões – UERGS | Jonas Vargas – UFPel | Lennyse Bandeira – UFRJ | Lidianne Friderichs –

UFPel | Lisiana Lawson – FURG | Lorena Almeida Gill – UFPel | Márcia Chico – UFPel | Maria Clara Hallal – UFPel | Marislei Ribeiro – UFPel | Milena Ogawa – UFPel | Rita de Araujo Neves – FURG | Silvana Moreira – UFPel | Taiane Mendes - UFPel

*Editora e Gráfica Universitária*

R Lobo da Costa, 447 – Pelotas, RS – CEP 96010-150 | Fone/fax: (53)3227 8411  
e-mail: [editora@ufpel.edu.br](mailto:editora@ufpel.edu.br)

*Edição:* 2021/1\*

ISSN – 2596-2876

*Indexada pelas bases de dados:* Worldcat Online  
Computer Library Center | Latindex | Livre:  
Revistas de Livre Acesso | International  
Standard Serial Number | Worldcat |  
Wizdom.ai | Zeitschriften Datenbank

**UFPel/NDH/Instituto de Ciências Humanas**

Rua Cel. Alberto Rosa, 154 - Pelotas/RS -  
CEP: 96010-770

Fone: (53) 3284 3208 -

<http://wp.ufpel.edu.br/ndh/>

*e-mail:* [ndh.ufpel@gmail.com](mailto:ndh.ufpel@gmail.com)

\* obra publicada em agosto de 2021.



**Dados de catalogação na fonte:**

Aydê Andrade de Oliveira - CRB - 10/864

História em revista / publicação do Núcleo de Documentação Histórica.  
Instituto de Ciências Humanas. Universidade Federal de Pelotas.  
v.26/2, (jul. 2021). – Pelotas: Editora da UFPel, 2021.

1v.

Semestral

ISSN 2596-2876

1. História - Periódicos. I. Núcleo de Documentação Histórica.  
Instituto de Ciências Humanas. Universidade Federal de Pelotas.

CDD 930.005

---

Os textos contidos neste volume são de responsabilidade exclusiva de seus respectivos autores. Salvo informação explícita em contrário, o(a)s autor(a) (es) respondem pelas informações textuais e imagéticas contidas no presente volume. O padrão ortográfico e o sistema de citações e referências bibliográficas são prerrogativas de cada autor. Da mesma forma, o conteúdo de cada artigo é de inteira e exclusiva responsabilidade dos mesmos.

## SUMÁRIO

### DOSSIÊ: HISTÓRIA DAS MULHERES E GÊNERO EM SUAS DIVERSAS ABORDAGENS

#### APRESENTAÇÃO

INTRODUCTION 7

*DANIELE GALLINDO, ELISLANE CHAVES, SILVANA MOREIRA, TALANE MENDES*

### DISCUSSÕES SOBRE HISTÓRIA DAS MULHERES E GÊNERO

SEMPRE À MULHER, PELA MULHER: A COLUNA FEMINISMO NO JORNAL O PAIZ  
(RJ) – 1927-1930 10

*BEATRIZ BERR ELLAS, MÔNICA KARAWEJCZYK*

O JULGAMENTO DA FAMÍLIA VANDEPUT: UMA ANÁLISE DA ABORDAGEM DA  
MÍDIA IMPRESSA BRASILEIRA SOBRE O INFANTICÍDIO DE CORINNE (1962) 27

*BRUNA ALVES LOPES, FRANCIELI LUNELLI SANTOS*

MULHERES E A MIGRAÇÃO: TRAJETÓRIAS E MOTIVAÇÕES DE MIGRANTES  
NORDESTINAS NA CIDADE DAS AVENIDAS 43

*BRUNO CÉZAR PEREIRA, ALEXANDRA LOURENÇO*

PERCEPÇÕES SOBRE A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA A PARTIR DA ÓTICA DE  
AGRESSORES DE MULHERES 62

*ELISLANE MEDEIROS CHAVES*

COMPREENDAMOS, PARTILHEMOS DOS SOFRIMENTOS DA MULHER ESCRAVA:  
DUAS IRMÃS E O ABOLICIONISMO EM PELOTAS E RIO GRANDE (1880-1888) 80

*ETLANE CARVALHO NUNES*

CORPO(S) E SEXUALIDADE(S) NO CINEMA PORNOGRÁFICO NO CONTEXTO DA  
DITADURA CIVIL MILITAR: PERCEPÇÕES A PARTIR DAS PORNOCHANCHADAS  
(1969-1986) 97

*GABBIANA CLAMER FONSECA FALAVIGNA DOS REIS*

O RISO DA INFÂMIA: ESTUPRO NO DRAMA SATÍRICO CÍCLOPE DE EURÍPEDES  
MATEUS DAGIOS 114

“ELA DIZ QUE OS HOMENS É QUEM SÃO ESCRAVIZADOS”: ESTHER VILAR E AS  
ORIGENS DO ANTIFEMINISMO COMO “GUERRA CULTURAL” **130**

*SILVIANA FERNANDES MARIZ*

GÊNERO, TRABALHO, GUERRA E PAZ NO REINO UNIDO: O IMPACTO DA  
SEGUNDA GUERRA MUNDIAL E DO IMEDIATO PÓS-GUERRA NA VIDA DAS  
TRABALHADORAS BRITÂNICAS (1939-1951) **153**

*THIAGO ROMÃO DE ALENCAR*

#### **ARTIGOS LIVRES**

O PALHAÇO DE REIS FLUMINENSE E SUA MÁSCARA: PERFORMANCE, RITUAL E  
RELIGIOSIDADE **175**

*CAROLINA DA SILVA RODRIGUES*

SANTUÁRIO DO CARAÇA: MEMÓRIAS E ESQUECIMENTOS LUSO-BRASILEIROS NA  
HISTÓRIA DE MINAS GERAIS **188**

*RUDINEY AVELINO DE CASTRO SILVA, JÚLIA CALVO*

## “COMPREENAMOS, PARTILHEMOS DOS SOFRIMENTOS DA MULHER ESCRAVA”: DUAS IRMÃS E O ABOLICIONISMO EM PELOTAS E RIO GRANDE (1880-1888)

“LET US UNDERSTAND, LET US SHARE IN THE SUFFERING OF SLAVE WOMEN”: TWO SISTERS AND ABOLITIONISM IN PELOTAS AND RIO GRANDE (1880-1888)

*Etiane Carvalho Nunes<sup>1</sup>*

---

**Resumo:** O presente artigo tem como objetivo discutir e problematizar a participação de mulheres na campanha abolicionista em Pelotas e Rio Grande, cidades localizadas ao sul do Brasil, durante os anos 1880 e 1888, focando especialmente na atuação de duas irmãs, Julieta e Revocata de Mello<sup>2</sup>, que deixaram suas ideias sobre a abolição registradas na imprensa. Angela Davis escreve sobre as norte-americanas na luta pela libertação dos escravizados e demonstra que essa experiência teve um caráter dialético, já que elas trabalharam em prol da causa antiescravagista ao mesmo tempo em que defendiam os direitos políticos das mulheres. Embora predominantemente masculino, o abolicionismo também contou com a colaboração feminina e o conceito de gênero como categoria analítica é relevante para pensar as ações por elas desempenhadas no movimento e o que isso representou para elas em termos políticos.

**Palavras-chave:** Movimento abolicionista. Gênero. Mulheres.

**Abstract:** This article aims to discuss and problematize the participation of women in the abolitionist campaign in Pelotas and Rio Grande, cities located in the south of Brazil, during the years 1880 and 1888, focusing especially on the activities of two sisters, Julieta and Revocata de Melo, who left their ideas about abolition recorded in the press. Angela Davis writes about the American women in the struggle for the liberation of the enslaved and demonstrates that this experience had a dialectical character, since they worked for the anti-slavery cause while defending the political rights of women. Although predominantly male, abolitionism also relied on female collaboration and the concept of gender as an analytical category is relevant to thinking about the actions they performed in the movement and what this represented for them in political terms.

**Keywords:** Abolitionist movement. Gender. Women.

---

### Introdução

O movimento a favor do fim da escravidão no Brasil foi impulsionado por um discurso que condenava o sistema por razões sociais e econômicas. Embora a Lei Áurea e aquela que foi responsável pela sua assinatura, a princesa Isabel, tenham entrado para a história, os embates e as discussões políticas por trás delas têm muito mais a nos dizer sobre o período de mudanças que marcou o cotidiano das pessoas que vivenciaram os anos finais do século XIX. A produção historiográfica dedicada ao tema da abolição e pós-abolição vem sendo renovada por estudos que trazem novos objetos de pesquisa, como a agência escrava, suas estratégias, os conflitos e tensões entre os trabalhadores escravizados e os proprietários

---

<sup>1</sup> Graduada em História pela Universidade Federal de Pelotas. Mestranda PPGH-UFPEL. Bolsista na modalidade de pesquisadora a nível de mestrado pela CAPES.

<sup>2</sup> Na historiografia, o sobrenome varia entre Melo e Mello, mas nas fontes consultadas a grafia utilizada é Mello e por esse motivo, utilizarei Mello.

e outros atores sociais, como as mulheres.<sup>3</sup> O abolicionismo foi protagonizado por homens, isto é um fato, mas eles não fizeram tudo sozinhos. Em vista do cunho social, é de se esperar que outros indivíduos também estivessem engajados na causa. Apesar da atuação masculina em termos quantitativos ser mais alta, isso não diminui em nada a importância da participação de mulheres e, por isso, ela não deve ser encarada como mera colaboração.

A menor presença de senhoras na campanha abolicionista em relação aos homens pode ser explicada em função dos espaços que elas podiam ocupar com mais facilidade enquanto mulheres. O encaminhamento via parlamentar da abolição da escravidão por si só já excluía a participação delas. As ações abolicionistas, como encontros, conhecidos como *meetings*, a criação de sociedades, clubes e eventos beneficentes, ocorriam em espaços também públicos.<sup>4</sup> As funções desempenhadas pelas mulheres, essencialmente mulheres brancas e pertencentes a setores médios ou as camadas mais abastadas da sociedade, segundo o ideal feminino construído no século XIX, deviam ser voltadas à família, seguindo os preceitos cristãos. Antes do casamento, boas filhas; depois do casamento, boas esposas e mães. Bondosas no espaço privado, eram estimuladas a praticarem a caridade no espaço público, por isso era comum prestarem auxílio às crianças em orfanatos e escolas, como aponta Hahner (2018). Desta forma, o movimento abolicionista foi um outro segmento no qual elas puderam exercer a caridade, o que possibilitou uma transição maior das mulheres entre o privado e o público e a partir de então com os debates políticos.

A atuação delas no abolicionismo era justificada, em grande medida, pela caridade, associada à figura feminina devido a um processo de feminização da filantropia ocorrido durante o oitocentos (MARTINS, 2015). A contribuição com a causa possibilitou um maior contato com os assuntos políticos, fazendo com que tomassem maior consciência da sua própria condição, dando início a uma série de reivindicações que serão aprofundadas nas décadas seguintes. A ativista, filósofa e professora Angela Davis (2016) discute essa via de mão dupla estabelecida entre as duas causas, a luta antiescravagista e a por direitos das mulheres, abordando a experiência de norte-americanas brancas. Seus apontamentos são pertinentes para refletir acerca do envolvimento de Julieta e Revocata de Mello, defensoras da abolição da escravidão, da instrução e educação das mulheres e que tiveram seus escritos publicados pela imprensa. Este artigo, visa justamente discutir e problematizar a participação feminina na campanha abolicionista em Pelotas e Rio Grande, cidades localizadas ao sul do Brasil, durante os anos 1880 e 1888, focando principalmente na atuação dessas duas irmãs. Para tanto, o conceito de gênero é uma categoria de análise relevante, já que o envolvimento delas foi pautado pelas atribuições e características dos papéis de gênero preestabelecidos.

---

<sup>3</sup> Dihl (2019); Castilho; Machado (2018); Leandro; Santos (2019); Machado (2010); Mendonça (2008); Rocha (2015); Sant'Anna (2006), por exemplo.

<sup>4</sup> Isso não impediu a criação de associações abolicionistas femininas, ainda que em menor número. Em São Sepé e Caçapava, no Rio Grande do Sul, por exemplo, entidades foram fundadas e dirigidas por mulheres (MONTI, 1985, p. 111 e 112).

### **“Compreendamos, partilhemos dos sofrimentos da mulher escrava”: duas irmãs e o abolicionismo em Pelotas e Rio Grande (1880-1888)**

Pelotas e Rio Grande foram municípios do Rio Grande do Sul que receberam elevado número de trabalhadores escravizados, entre 1780 e 1850<sup>5</sup>, em função, principalmente, da manufatura de carne salgada, a qual era comercializada para o restante do país a fim de abastecer as escravarias. Basicamente, um alimento produzido por mãos escravizadas para alimentar escravizados. Essa economia viveu seu auge nos anos 1850 e 1860 (VARGAS, 2018, p. 227) e o empreendimento charqueador foi responsável por alavancar social e economicamente famílias que ainda hoje têm seus sobrenomes conhecidos pela sociedade pelotense, algumas delas, entretanto, e contraditoriamente, envolveram-se com o abolicionismo.

A partir dos anos 1870, mas principalmente na década de 1880, o movimento abolicionista contribuiu fortemente para o enfraquecimento da escravidão, sendo este caracterizado por Angela Alonso como o primeiro movimento social da história do Brasil (ALONSO, 2015).<sup>6</sup> Fatores econômicos e políticos foram importantes para a extinção do trabalho escravo, mas certamente o abolicionismo influenciou e pressionou deputados e senadores no parlamento e fez homens e mulheres se organizarem em torno de uma causa chamada de humanitária e experimentarem uma atuação política diferente. De acordo com Cláudia Santos (2018, p. 342), o abolicionismo foi um movimento localizado, historicamente, entre duas revoltas, a do vintém e a da vacina, manifestações que, assim como a realizada a favor da libertação dos escravizados, combinaram esforços de lideranças políticas, de setores populares e da imprensa. Nesse sentido, Sandra Graham atribui à revolta do vintém, ocorrida entre os meses de dezembro de 1879 e janeiro de 1880 no Rio de Janeiro, contra a cobrança de tributo sobre as passagens de bondes e trens, uma nova atitude política em virtude da intervenção de populares, de associações e da imprensa (SANTOS, 2018, p. 341).

Por falar em imprensa, este importante veículo de informação do século XIX, possibilitou que as ideias abolicionistas chegassem a um público maior, ainda que se saiba das altas taxas de analfabetização no Brasil neste período. Tratando da questão da abolição em Recife, Celso Castilho afirma que “a expansão de atividades associativas e o engajamento da imprensa local com o assunto estabeleceram os termos e os códigos pelos quais se daria a discussão” (CASTILHO, 2018, p. 278). As ideias publicadas nos periódicos e as instituições

---

<sup>5</sup> Em 1850, foi promulgada a Lei Eusébio de Queiroz proibindo a entrada de africanos escravizados no Brasil. Embora as cidades não recebessem mais escravizados via tráfico transatlântico, a população cativa continuou crescendo em função de novas estratégias adotadas visando a manutenção dos planteis.

<sup>6</sup> Anos antes, a historiadora Maria Helena Pereira Toledo Machado deu início às primeiras reflexões sobre isso. Sua análise explorou a dinâmica envolvendo escravizados, abolicionismo e abolição, focando nas relações estabelecidas, nas tensões e conflitos entre senhores e escravos e nas estratégias desenvolvidas por estes na busca pela liberdade. Portanto, rompendo com a ideia de um movimento abolicionista radical, Machado demonstra que as ações abolicionistas também foram praticadas para além do parlamento e por aqueles que eram os mais interessados, “[...] escravos, forros e homens livres pobres” (MACHADO, 2010, p. 227).

fundadas, como os clubes abolicionistas, ““[...] estavam encarregados de estabelecer a agenda política para a sociedade””<sup>7</sup>, conforme o mesmo autor. Assim, as notícias e demais textos acerca da questão servil, como era chamada, ganhavam as páginas dos jornais e cumpriam a função de formar uma opinião pública. A ligação desses periódicos com partidos políticos foi algo característico durante o século XIX e, por isso, defendiam e representavam as convicções destes. Além disso, fundadores e redatores, uma parcela deles simpática ao republicanismo, integravam sociedades, centros e clubes abolicionistas.

Por essas razões, o aporte metodológico trazido por Tania Regina de Luca (2018) em texto bastante difundido entre os historiadores e historiadoras que têm a imprensa como fonte se torna indispensável para pensar na maneira pela qual esse documento deve ser manipulado, a fim de explorar todas as suas potencialidades. A autora indica, de forma geral, historicizar e criticar a fonte, ou seja, saber os motivos e em quais circunstâncias determinado periódico foi produzido. Feito isso, o pesquisador consegue entender mais profundamente o porquê de uma notícia ter sido publicada na primeira página do jornal, por exemplo, ou ainda perceber a argumentação em torno de um episódio ou de uma situação mais ampla vivida no período.

Ilustrativo, nesse sentido, é o *A Discussão* fundado por Cipriano da França Mascarenhas, Epaminondas Piratinino de Almeida<sup>8</sup>, Fernando Luís Osório, Marçal Pereira de Escobar e Saturnino Epaminondas de Arruda, em 1881, conforme Beatriz Loner (2017). Nota-se a relação desse jornal diário com a política desde o início, pois o grupo de fundadores fez parte da dissidência do Partido Liberal do Rio Grande do Sul (LONER, 2017). Foi neste mesmo ano que ocorreu a criação do Clube Abolicionista de Pelotas e se observa o aumento paulatino das notícias sobre a escravidão na imprensa. Como era de se esperar, o *A Discussão* se posicionou contrário ao trabalho escravo e deu publicidade para diversas notícias relativas à escravidão e ao encaminhamento da abolição, divulgando, com frequência, o andamento dessas questões em outras cidades do Rio Grande do Sul e em outras províncias. Comumente, noticiava a libertação de trabalhadores escravizados, as violências e conflitos entre senhores e escravos e artigos que exprimiam ou a opinião do próprio periódico ou de indivíduos posicionados a favor da causa.

Entre os homens que expressaram suas ideias nesse jornal, o apelo de Julieta de Mello para que as mulheres rio-grandenses se juntassem à causa abolicionista foi publicado na primeira página, em 1884. Revocata dos Passos Figueroa de Mello e João Corrêa de Mello tiveram cinco filhos, três homens e duas mulheres. A mais nova delas, foi Julieta, nascida na cidade de Rio Grande em 21 de outubro de 1855. Foi professora, escritora e jornalista, tendo a sua obra alcance internacional com a divulgação de poemas em impressos do Uruguai, de

---

<sup>7</sup> Esta frase usada por Castilho foi retirada de uma matéria a qual ele teve acesso do jornal *O Americano*, de 29 de maio de 1870, p. 2.

<sup>8</sup> Epaminondas Piratinino de Almeida foi eleito presidente do Clube Abolicionista de Pelotas, ocupando o cargo de 1882 a 1883, segundo o Relatório apresentado na Sessão Magna da Associação Emancipadora Club Abolicionista em 21 de agosto de 1882 pelo 2º secretário Serafim Antonio Alves, p. 9. O relatório encontra-se salvaguardado no fundo Clube Abolicionista no Acervo da Bibliotheca Pública Pelotense.

Paris e Portugal (LARA, 2018, p. 149). Usando uma retórica firme e invocando a participação feminina, Julieta diz o seguinte:

[...] venho neste momento, em nome da pátria, pedir-vos que a auxiliéis na caridosa cruzada que encetou. [...] é necessário que nós, as mulheres, não nos deixemos ficar na inação tão imprópria de corações sensíveis como os nossos, ante o sofrer os míseros cativos. Não cabe por certo e infelizmente, às intrépidas gaúchas, o dar o exemplo de concorrer para a redenção das desgraçadas vítimas do jugo do cativo, visto que na heroica província do Ceará, no formoso Amazonas, na corte e ultimamente na belíssima capital de nossa cara província, um elevado número de senhoras se tem erguido para bradar bem alto à Gazeta da Tarde: - **Não, a mulher brasileira não é escravocrata.** - Sigamos, porém, a estrada por elas abertas, avancemos e batalhemos também. [...] Quem negará uma esmola a qualquer de vós, que estenda a mão a implorá-la, para libertar das guerras da escravidão, um desses míseros entes que nasceram como nós e que a fatalidade colocou na triste condição de escravo? Ninguém, por certa. [...] Em Porto Alegre deve realizar-se a 7 de setembro do corrente ano, uma quermesse. Elegantes filhas das mais nobres famílias da capital, venderão em suas tendas um sem número de objetos, cujo produto será aplicado para ao fim que vos falo. Outras jovens tem esmolado e tendo sido recebidas com entusiasmo, tem conseguido já grande parte de seus caridosos anhelos. Imitai-as: uni-vos todas e percorrendo as ruas desta cidade, mostrai-vos denodadas, generosas, caritativas, verdadeiras riograndenses [...].<sup>9</sup> (Grifo da autora)

A fala de Julieta tem muito a nos dizer a respeito do modo pelo qual as mulheres atuaram no movimento, pelo viés da caridade, por um sentimento de compaixão para com os escravizados, já que se acreditava que a mulher era naturalmente predisposta a ajudar o próximo. De acordo com ela, as verdadeiras rio-grandenses eram generosas e caritativas, propensas a praticar a filantropia, em virtude dos papéis sociais construídos de acordo com o gênero. Ainda, a afirmação de que senhoras têm se dirigido à Gazeta da Tarde para exclaimar que a mulher brasileira não é escravocrata demonstra a tentativa de desassociar as mulheres da escravidão, afinal de contas, a bondade feminina, os nobres e elevados sentimentos não combinavam com os horrores do sistema escravista.

Entretanto, os próprios jornais do período também davam visibilidade para as liberdades concedidas, muitas delas por mulheres. Evidentemente, os redatores não deixavam de exaltar o grande ato humanitário realizado por essas senhoras, algo que lhes conferia status.<sup>10</sup> O fato de o jornal pelotense publicar o apelo de Julieta, uma mulher residente na

<sup>9</sup> *A Discussão*, Pelotas, 28 de agosto de 1884, p. 1. Acervo da Bibliotheca Pública Pelotense. A quermesse realizada na capital da província da qual Julieta se refere contou com a participação de mulheres residentes em Pelotas, o que pode indicar uma rede de solidariedade entre elas. Até o momento, localizei 13 senhoras que doaram objetos para serem comercializados nas tendas organizadas também por mulheres. São elas: Ignacia Parafita de Carvalho, Julieta Alves Domingues, Maria Ulbaldina Fernandes de Carvalho, Maria Joaquina Parafita, Guilhermina Parafita Chaves, Ernestina de Oliveira, Augusta de Oliveira, Leopoldina Lopes, Ricardina de Almeida, Maria José Treby, Amelia Leite de Almeida, Sara Laquintinie, Maria Luiza Broquá. As ofertas, em sua maioria, foram itens de vestuário feminino e utensílios domésticos.

<sup>10</sup> *Onze de Junho*, Pelotas, 16 de maio de 1882, p. 1 e 3 de janeiro de 1883, p. 2. Acervo da Bibliotheca Pública Pelotense. As notícias tratam das libertações concedidas por Emilia da Silva Barreiros e Amelia Hartley Antunes, a baronesa de Três Serros.

cidade de Rio Grande, mostra que ele a considerava social e moralmente importante, a ponto de usar do seu discurso para incentivar as mulheres de Pelotas a se engajarem na causa, além de realçar que as ideias abolicionistas estavam em circulação.

Poesias de Julieta também ganharam as páginas do periódico *Diário de Pelotas*, autodesignado como folha ilustrativa. Fundado por Ernesto Gerngross, este jornal manifestou apoio ao Partido Liberal, denominando-se, em 1888, como Órgão do Partido Liberal da Província. Chama a atenção a sua longevidade, em circulação de 1866 até 1889 (LONER, 2017). Por questões de saúde, em 1886, Ernesto se afastou da presidência do periódico em algumas ocasiões e foi substituído por outros redatores. Em função disso, Loner (2017, p. 106) afirma que “[...] o jornal passou a apresentar oscilações entre o partido que oficialmente apoiava e uma linha mais neutra.” Nesse mesmo ano, foi publicado “O estudo”, de autoria de Julieta, um de seus poemas que exprimem sua ideia acerca da educação.

**Figura 1:** Julieta de Mello Monteiro



O estudo  
É no estudo apurado das letras  
Que a mulher procurar deve a luz,  
Não nos bailes, nas salas festivas,  
Onde a louca vaidade transluz,

Estudar é buscar um futuro  
Nobre, santo, querido por Deos;  
Estudar é buscar no trabalho  
Desvendar das sciencias os véos.<sup>11</sup>

Fonte: Bonilha (2010, p. 63).

<sup>11</sup> *Diário de Pelotas*, Pelotas, 09 de abril de 1886, p. 1. Acervo da Bibliotheca Pública Pelotense. Optei, neste caso, em não atualizar a grafia da época por considerar o poema uma obra, por isso, a originalidade deve ser mantida.

Por sua vez, Revocata Heloísa de Mello, nasceu na capital da província, em Porto Alegre, no dia 31 de dezembro de 1853, antes da família decidir se mudar para a cidade portuária de Rio Grande, segundo Luciana Gepiak (2017). Assim como sua irmã mais nova, ela foi escritora, jornalista e educadora. Defensora também da causa antiescravista, mostrou-se sensibilizada com a condição da mulher negra escravizada, dizendo que

No desenvolvimento das causas nobres e progressistas, nas sublimes cruzadas onde batalha em prol da felicidade do próximo, deve a mulher tomar uma parte ativa, mostrar se em extremo dedicada lutadora, fazendo conhecer o valor que encerra para si o divino preceito da caridade, compreendendo essa igualdade há tantos séculos apontada pelo Homem Redentor. [...] Conforme nossas forças intelectuais e monetárias, avancemos nesta sagrada romagem onde impera um dever humanitário, patriota e nobre; tenhamos em mente as evoluções da época, que a instrução, propaga-se, difunde-se, vai o obscurantismo em batida derrotada, enquanto os mundos da ciência jorram em torrente de abençoada luz, vantajosas lições ao povo que aspira pelo desconhecido, pelo infinito de novos espaços. **Compreendamos, partilhemos dos sofrimentos da mulher escrava. Acaso não é ela dotada das mesmas faculdades, desse reconhecido sentimentalismo que predomina nas criaturas de nosso sexo? Esforcemo-nos por libertá-la do cruciante poder que a martiriza física e moralmente.**<sup>12</sup>  
(Grifo da autora)

Como pode ser observado, Revocata afirma que a mulher deve praticar a caridade, atuar em favor do próximo, relacionando essa prática com princípios religiosos. O que mais chama a atenção em seu texto é a sensibilidade para com a mulher negra em situação de exploração e violência ocasionada pela escravidão. Para ela, todas as mulheres, brancas e negras escravizadas, têm em comum o gênero feminino, o qual é, por sua vez, definido em função do sexo. Por compartilharem de uma mesma condição, ou seja, por serem todas mulheres, Revocata sugere que seu público leitor se solidarize com aquelas que, na sua visão, são igualmente mulheres, mas que estão sob regime de trabalho escravo e, conseqüentemente, sofrem física e psicologicamente.

---

<sup>12</sup> *Diário de Pelotas*, Pelotas, 27 de maio de 1886, p. 1.

**Figura 2:** Revocata Heloísa de Mello

Fonte: Bonilha (2010, p. 65).

Hoje, após o desenvolvimento dos estudos de gênero, sabe-se que o sexo, aspectos anatômicos e biológicos, não constitui o gênero assumido por determinada pessoa. A fala de Revocata está centrada na ideia de que por compartilharem o gênero, alguns fatores que atravessam os indivíduos são também compartilhados, como, por exemplo, o que ela chama de sentimentalismo característico do sexo feminino. Sabe-se, no entanto, que as pessoas possuem vivências e experiências diferentes umas das outras em função das opressões que lhes atravessam. Assim, gênero, raça, classe, sexualidade e territorialidade, são alguns eixos analisados para compreender de maneira mais aprofundada a realidade social do indivíduo.<sup>13</sup>

Após a promulgação da Lei Áurea, em 13 de maio de 1888, Revocata permaneceu ligada à causa dos ex-escravizados, agora libertos, através de sua intelectualidade e talento nas letras. Ela foi responsável por escrever a letra do hino da sociedade 28 de Setembro. Noticiando sobre festa em comemoração ao 13 de maio de 1891, o jornal *A Federação*, órgão do Partido Republicano Rio-grandense, menciona o nome de Revocata como autora do chamado hino da Redenção.

No Rio Grande, a sociedade 28 de Setembro, composta por homens de cor, festejaria o 13 de maio com um baile de gala que seria levada a efeito nos salões daquela sociedade. Antes de começar o baile seria cantado o hino da Redenção,

---

<sup>13</sup> Ver mais em Akotirene (2019).

letra da poetisa d. Revocata H. de Mello e música do professor Sisenando de Moraes.<sup>14</sup>

Julieta e Revocata produziram uma obra literária consistente e de grande relevância, o que conferiu a elas destaque não somente nas cidades de Pelotas e de Rio Grande. Defenderam a causa antiescravista e os direitos da mulher, como o acesso à educação e à participação política. Juntas, elas fundaram o periódico literário *A Violeta*, que circulou entre os anos de 1875 a 1880, dedicado, segundo Lara (2018, p. 148), ao público feminino. Nele, as irmãs incentivavam a formação intelectual das mulheres, porém, não deixava de enaltecer as responsabilidades delas enquanto esposas e mães, bem como a religião (LARA, 2018, p. 148).

Três anos depois, em 21 de outubro em 1883, aniversário de 28 anos de Julieta, como bem lembra Lara (2018, p. 156), ela e Revocata fundam *O Corymbo*.<sup>15</sup> Conhecido pela sua longevidade, o periódico, cujo nome representa a busca pela igualdade de direitos, foi impresso até o ano de 1944. De acordo com Lara (2018, p. 156 e 157), “o nome do periódico é um termo botânico que designa um tipo de inflorescência na qual, apesar das flores nascerem em pontos diferentes do ramo, desenvolvem-se todas numa mesma altura.” O conteúdo deste era mais amplo do que o primeiro jornal publicado pelas irmãs, mas ainda se destinou, sobretudo, à divulgação da produção literária feminina e trazendo artigos com assuntos considerados do interesse das mulheres nesse período (DUARTE, 2017, p. 279). Contou com a colaboração de quase todas as escritoras sul-rio-grandenses e com a de outras escritoras conhecidas nacionalmente, como Andradina de Oliveira, Cecília Meireles e Cora Coralina, para citar alguns nomes. Em 25 de junho de 1886, o jornal *Diário de Pelotas* publicou uma nota a respeito deste periódico, chamado de revista mensal e literária.

Completo hoje três anos que começou a publicar-se, na cidade vizinha, sob a direção e redação da maviosíssima e inspirada poetiza rio-grandense D. Revocata H. de Mello o interessante periódico o Corymbo, mimoso ramilhete, onde se ostentam as mais belas flores literárias.<sup>16</sup>

A família das irmãs Mello estava imersa no mundo das letras. A começar pelo avô materno, Manuel dos Passos e Figueiroa, “latinista, poeta, teatrólogo, autor de obras didáticas e jornalista do período farroupilha” (GEPIAK, 2017, p. 25). O pai das irmãs Mello viveu de negócios e práticas comerciais, enquanto a mãe, que utilizava o pseudônimo Americana, foi também escritora, poetisa e professora. Os tios Deodato e Manuel dos Passos Figueiroa, por sua vez, tinham estreita ligação com a educação. O primeiro deles, Deodato, foi escritor e professor e Manuel, além de escritor, foi matemático e engenheiro civil. Um dos irmãos de Julieta e Revocata, Otaviano, foi escritor e responsável pela criação e gerência do periódico *Arauto das Letras*. Outra figura feminina pertencente à família que ganhou destaque foi a tia materna, a poetisa Amália dos Passos Figueiroa, membro da Sociedade Partenon

<sup>14</sup> *A Federação*, Porto Alegre, 19 de maio de 1891, p. 2. Disponível no acervo digital da hemeroteca da Biblioteca Nacional.

<sup>15</sup> Segundo Duarte (2017, p. 277), a circulação de *O Corymbo* começou em 1884.

<sup>16</sup> *Diário de Pelotas*, Pelotas, 25 de junho de 1886, p. 2.

Literário.<sup>17</sup> Para completar, como salienta Gepiak (2017, p. 25), Julieta acaba se casando com Francisco Guilherme Pinto Monteiro, um poeta português.

**Figura 3:** Amália dos Passos Figueiroa



**Fonte:** GaúchaZH (2017).<sup>18</sup>

Em vista disso, não foi por acaso que as irmãs Mello alcançaram espaço e reconhecimento na sociedade rio-grandense no período. A longa tradição da família nas letras certamente trouxe diversas oportunidades para elas, sem falar no apoio familiar recebido para que se lançassem nesse terreno, ocupado, na maioria das vezes, por homens. Essa bagagem carregada por elas possibilitou que adentrassem também na política. Não bastasse o envolvimento com o abolicionismo, Lara (2018, p. 151) indica que Julieta e Revocata foram publicamente republicanas e apoiadoras do Partido Republicano.

---

<sup>17</sup> A Sociedade Partenon Literário foi fundada em 1868 em Porto Alegre, formada pela elite intelectual da província do Rio Grande do Sul. João Antonio do Vale Caldre e Fião, Apolinário Porto Alegre, Carlos Von Kozeritz, Lobo da Costa, Fernando Osório, Joaquim de Assis Brasil e Júlio Prates de Castilhos foram alguns dos membros, por exemplo (MONTI, 1985, p. 61-75). Silveira (2008) também produziu sobre a sociedade, investigando as relações entre literatura e política. Seu trabalho ainda traz referências de outras mulheres que integraram o Partenon Literário.

<sup>18</sup> Ricardo Chaves. Os 149 anos da Sociedade Partenon Literário. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/almanaque/noticia/2017/06/os-149-anos-da-sociedade-partenon-literario-9819936.html>. Acessado em 14/03/2021.

Observa-se, portanto, as inúmeras contribuições de Julieta e Revocata no que diz respeito à inserção e presença das mulheres em locais frequentados majoritariamente por homens. Ainda, apropriaram-se e se debruçaram sobre assuntos de cunho social e político, como o movimento abolicionista e a defesa pelos direitos das mulheres. É evidente que não romperam com todos os papéis socialmente construídos em torno do gênero feminino, mas suas pautas e reivindicações foram marcantes e serviram de estímulo para que outras mulheres iniciassem um processo de conscientização política.

O prestígio adquirido ao longo dos anos por meio da produção literária e da atuação delas no meio social pode ser sentido até os dias de hoje, de tal maneira que uma rua e uma escola estadual de ensino fundamental, ambas na cidade de Rio Grande, levam o nome de Revocata Heloísa de Mello.<sup>19</sup> Observa-se, com isso, que essa senhora ainda se faz presente na memória, principalmente daqueles que residem na cidade. Companheiras de luta, de ideais, de profissão e de vida, essa parceria teve fim com a morte de Julieta no dia 27 de janeiro de 1928. O abalo provocado pelo falecimento da irmã é visível nos próprios poemas de Revocata, nos quais ela lamenta o ocorrido e expressa a sua eterna saudade. Por mais dezesseis anos, Revocata ficou a frente de *O Corymbo* sozinha. Sua morte em 23 de fevereiro de 1944 marca também o fim do jornal, responsável por difundir a produção literária feminina não só do Rio Grande do Sul, como do país.

Se é difícil encontrar relatos sobre as mulheres nos documentos, muito mais é localizar registros deixados por elas. Os textos de Julieta e Revocata publicados na imprensa, sejam eles, poemas ou artigos que expressam suas opiniões sobre dado assunto, são fontes que possuem relevância historiográfica. Na maioria das vezes, as mulheres e suas experiências aparecem nos documentos através do olhar masculino, daí a importância da obra das irmãs Mello, que tiveram tanto sua arte, quanto suas visões de mundo divulgadas, oportunizando que trabalhos como este possam ser realizados a fim de compreender melhor a atuação delas em um movimento social como foi o abolicionismo. Este, foi um segmento diferente no qual elas puderam colocar em prática a caridade, associada às mulheres pelos sentimentos nobres e naturais do ser feminino, e experimentar, através dele, participar de maneira mais substancial dos debates políticos, o que serviu, conseqüentemente, para que elas iniciassem um processo de tomada de consciência referente aos papéis sociais desempenhados por elas.

---

<sup>19</sup> A Escola Estadual de Ensino Fundamental Revocata Heloísa de Mello está localizada na rua Domingos de Almeida, s/n, em Rio Grande. A escola possui um blog e nele há a aba “Quem foi Revocata Heloísa de Mello”. No breve texto que trata da sua biografia, destaca-se a relação dela com a libertação dos escravos e com a caridade: “Foi Revocata, na sua mocidade um grande arauto da liberdade, tomando parte ativa em quase todas as campanhas que aqui se promoveram e onde sua voz se fazia ouvir, em memoráveis conferências, a fim de que, com o produto destas, fosse comprada a liberdade de muitos escravos. Foi também fundadora (1921) do benemérito Clube Beneficente de Senhoras, obra humanitária e espiritualista.” Finalizando, o texto informa que a rua que leva o nome da senhora localiza-se no bairro Getúlio Vargas. Por fim, a escola comemora seu aniversário no dia do nascimento de Revocata. Ver mais em: Escola Revocata Heloísa de Mello. Disponível em: <http://escolarevocata.blogspot.com/2012/09/quem-foi-revocata-heloisa-de-mello.html>. Acessado em 12/03/2021.

Abordando outra experiência de mulheres brancas na luta pela libertação dos escravos, Angela Davis discorre sobre a atuação de duas irmãs, Sarah e Angelina Grimké. Da mesma forma que Julieta e Revocata, as irmãs Grimké atuaram em favor do movimento pelo fim da escravidão e defenderam os direitos políticos e sociais das mulheres. Apesar das especificidades, os dois casos são importantes para compreender a participação das mulheres nos movimentos abolicionistas. Eles permitem vislumbrar o modo pelo qual as mulheres se organizaram, manifestaram-se e desenvolveram atividades de cunho abolicionista, reivindicando também direitos para si próprias.

Em seu texto, Davis (2016, p. 43) questiona: “porque tantas mulheres se juntaram ao movimento antiescravagista? Havia algo especial no abolicionismo que atraía mulheres brancas do século XIX de um modo que nenhum outro movimento reformista havia conseguido?” As indagações de Davis voltadas para as mulheres norte-americanas são pertinentes para refletir acerca da experiência de outras mulheres no movimento abolicionista, como as das irmãs Mello, a partir da abordagem micro-histórica, na qual as perguntas lançadas sobre um objeto de estudo são generalizantes, enquanto as respostas são de caráter particular, segundo Giovanni Levi (2015).

Nascidas na Carolina do Sul, em uma família proprietária de escravos, Sarah e Angelina se uniram ao movimento muito antes das irmãs Mello, em 1836. De acordo com a autora, Sarah e Angelina Grimké “[...] foram as que estabeleceram de modo mais consistente a relação entre escravidão e opressão das mulheres” (DAVIS, 2016, p. 52). Davis afirma que, em um primeiro momento, elas não estavam preocupadas em questionar a desigualdade social entre homens e mulheres, revelando a natureza inumana e imoral da escravidão e o quanto as mulheres eram responsáveis pela sua manutenção (DAVIS, 2016, p. 54). Contudo, Sarah e Angelina vinham sendo atacadas pelo o que Davis chama de supremacia masculina, o que fez com que “as irmãs percebessem que, a menos que se defendessem como mulheres – e defendessem também os direitos das mulheres em geral –, seriam excluídas em definitivo da campanha para libertar escravas e escravos” (DAVIS, 2016, p. 54).

Em 1837, Angelina publicou também um apelo às mulheres dos estados nominalmente livres e, assim como Revocata, ela se mostrou comovida pela situação das mulheres negras de seu país, dizendo que “[...] elas são nossas irmãs; e têm o direito de encontrar em nós, como mulheres, a compaixão por seus sofrimentos e os esforços e orações para sua salvação” (GRIMKÉ, 1837, p. 21 apud DAVIS, 2016, p. 56). Davis salienta que:

[...] Como a abolição da escravatura era a necessidade política mais pertinente da época, elas incitavam as mulheres a se juntar à luta a partir da premissa de que sua própria opressão era sustentada e perpetuada pela continuidade do sistema escravagista. Por terem consciência tão profunda da indissociabilidade entre a luta pela libertação negra e a luta pela libertação feminina, as irmãs nunca caíram na armadilha ideológica de insistir que um combate era mais importante do que o outro. Elas reconheciam o caráter dialético da relação entre as suas causas (DAVIS, 2016, p. 56).

Apesar das diferenças e especificidades de cada atuação a favor da abolição da escravidão,

pode-se dizer que o posicionamento político e o entendimento acerca dessa questão e da dos direitos das mulheres externados pelas irmãs Mello e Grimké possuem suas semelhanças. Separadas geográfica e temporalmente, a participação delas demonstra que as mulheres no século XIX partilhavam de alguns sentimentos, posturas e reivindicavam direitos tanto para elas quanto para os trabalhadores escravizados, devido a construção em torno do ser mulher nesse período. O conceito de gênero como uma categoria analítica permite investigar e compreender certos comportamentos e, por esse motivo, é útil para a pesquisa histórica, como afirma Joan Scott (2019). Como uma categoria analítica, ele propicia uma nova visão sobre a realidade, “[...] situando as distinções entre características consideradas femininas e masculinas no cerne das hierarquias presentes no social”, de acordo com Adriana Piscitelli (2002, p. 7). Ela ainda pontua que tal conceito foi considerado um avanço em relação as possibilidades de análise que se tinha para a categoria “mulher” (PISCITELLI, 2002, p. 7).

Scott (2019, p. 49 e 50) fala dos diferentes usos e sentidos com que a palavra gênero era empregada. As feministas começaram a usá-la há pouco tempo, empregando-a em sua forma literal, isto é, para fazer referência à organização social da relação entre os sexos. Para a autora, gênero é “um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos” e “uma forma primeira de significar as relações de poder” (SCOTT, 2019, p. 67). Penso que sua definição auxilia no entendimento da participação de mulheres no movimento abolicionista porque ela foi pautada segundo os papéis construídos socialmente para o gênero feminino durante o século XIX.

Desta forma, as mulheres simpatizantes à causa desenvolviam atividades caridosas, que iam desde a libertação de escravos, até a organização de eventos beneficentes e doações de objetos para leilões e quermesses a fim de arrecadar fundos. As que tinham maior destaque na sociedade em função do seu trabalho, como Julieta e Revocata, tiveram a oportunidade de expressar suas opiniões e estimular o envolvimento com o abolicionismo na imprensa local. Logo, a caridade e as práticas humanitárias, consideradas dignas do coração feminino, legitimavam a presença delas no movimento, no espaço público, dando início a uma politização maior de suas vidas.

A escala de análise reduzida utilizada permite observar os comportamentos, as incertezas, as contradições, as escolhas e as limitações dos sujeitos. O abolicionismo foi um movimento no qual homens e mulheres de diferentes camadas sociais atuaram a favor da abolição da escravidão. As manifestações e lutas travadas para tanto ocorrem tardiamente no Brasil, mas em outros lugares também existiram pessoas engajadas nessa luta. Os termos abolicionismo, escravidão, homens e mulheres são, por si só, abrangentes. A redução da escala de observação privilegia localizar histórias como as de Julieta e Revocata, permitindo uma investigação mais densa sobre a participação delas no movimento abolicionista nas cidades de Pelotas e Rio Grande, na última década do século XIX, evidenciando a complexidade desses atores sociais.

Enquanto defendiam a libertação dos escravos, elas também estavam preocupadas com a realidade das mulheres, intervindo, por meio de sua obra literária. O intuito de trazer para a discussão a atuação das norte-americanas é o de demonstrar que essa

movimentação por parte das mulheres em torno das duas causas não se iniciou nem se restringiu ao Brasil, sendo provável que tenha ocorrido também em outros países latino-americanos ao longo do século XIX.<sup>20</sup> A micro-história não se interessa por histórias consideradas banais e fechadas em si mesmas. Pelo contrário, ela tem a capacidade de trazer ao conhecimento experiências particulares, no sentido de que o estudo de um caso singular possibilita compreender e redefinir um problema historiográfico de maior envergadura, como se uma gota de água nos fizesse enxergar o oceano inteiro, como bem colocou Barros (2007, p. 170).

### Considerações finais

As mulheres participaram do abolicionismo nas cidades de Pelotas e Rio Grande pelo viés da caridade, seguindo um discurso de que deviam praticar atos filantrópicos em função do seu gênero. Por isso, foi comum que elas atuassem libertando escravizados, organizando e doando objetos para eventos, como quermesses e leilões. Cabe ressaltar que não foram todas as mulheres que participaram e sim um grupo. Certamente haviam mulheres contrárias ao movimento, ainda mais aquelas alinhadas com o regime monárquico. Julieta e Revocata foram mulheres de seu tempo, e não a frente do seu tempo. Sensibilizadas com a realidade vivenciada pelos escravizados, utilizaram dos meios e espaços disponíveis e conquistados para declarem suas visões e intervir a favor de uma causa.

A habilidade com as letras que lhes permitiu defender a libertação de escravas e escravos, bem como reivindicar direitos como o acesso à educação, sugerindo que a instrução contribuiria na formação política e social das mulheres. Apesar de viverem em período sob forte hierarquia de gênero, que acabava prescrevendo comportamentos, atitudes e inclusive funções a homens e mulheres, enquanto escritoras, jornalistas e professoras, pode-se dizer que as irmãs estavam de certa forma rompendo com os padrões estabelecidos. Conquistaram prestígio social e moral e encontraram, por causa de sua ocupação, brechas na normatividade.

Angela Davis, por sua vez, traz a trajetória de outras irmãs: Sarah e Angelina Grimké, que em 1836, uniram-se à causa abolicionista nos Estados Unidos. Brancas e de família escravocrata, elas entenderam que não conseguiriam participar da luta antiescravista se não lutassem também contra a opressão e desigualdade enfrentadas pelas mulheres. Chama a atenção a menção que Revocata e Angelina fazem a respeito das mulheres negras escravizadas. Em seus textos, ambas humanizam e reiteram que as negras em situação de escravidão são mulheres da mesma forma que elas.

A experiência das irmãs Mello e Grimké possuem, é evidente, diferenças, sobretudo temporais e geográficas. Além disso, os contextos no qual estavam inseridos eram distintos, mas isso não anula um problema historiográfico de maior envergadura, que

---

<sup>20</sup> Cowling (2018) se dedica ao estudo de mulheres escravizadas que conquistaram sua liberdade e se deus filhos nos tribunais em Havana e no Rio de Janeiro, de modo a demonstrar que a atuação delas acabaram conectando os movimentos abolicionistas, não apenas nessas cidades, mas no mundo atlântico.

evidencia as mulheres como um dos atores sociais engajados no movimento abolicionista, e tanto no sul do Brasil quanto nos Estados Unidos isso pode ser observado. Penso que a atuação delas nesse movimento social foi o início de uma longa caminhada que se estende até os dias de hoje. Nele, elas experimentaram a prática política em maior escala, embora sob forte hierarquia de gênero.

### Referências bibliográficas

- AKOTIRENE, Carla. Interseccionalidade. IN: RIBEIRO, Djamila (Coord.). *Feminismos Plurais*. São Paulo: Editora Jandaíra, 2019.
- ALONSO, Angela. *Flores, votos e balas: o movimento abolicionista brasileiro (1868-88)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- ALONSO, Angela. O abolicionismo como movimento social. *Novos estudos*. São Paulo: ed. 100, v. 33, n. 3, novembro, p. 115-137, 2014.
- BARROS, José D'Assunção. Sobre a feitura da Micro-História. *OPSI – Revista do Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa e Estudos Culturais*. Goiás/Catalão: v. 2, p. 167-185, 2007.
- BONILHA, Caroline Leal. *Corymbo: memória e representação feminina através das páginas de um periódico literário entre 1930 e 1944 no Rio Grande do Sul*. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas). Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2010.
- CASTILHO, Celso T.; MACHADO, Maria Helena P. T. (Orgs.). *Tornando-se livre: agentes históricos e lutas sociais no processo de abolição*. 1ª ed. São Paulo: Edusp, 2018
- COWLING, Camillia. *Concebendo a liberdade: mulheres de cor, gênero e a abolição da escravidão nas cidades de Havana e Rio de Janeiro*. Campinas: Editora da Unicamp, 2018.
- DAVIS, Angela. O movimento antiescravagista e a origem dos direitos das mulheres. In: DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. São Paulo: Boitempo, 2016.
- DIHL, Tuane Ludwig. Mulheres abolicionistas: problemáticas, inspirações e possibilidades a partir da micro-história e da história global (Porto Alegre, século XIX). *Sillogés*. Porto Alegre: v.2. n.2. jul./dez., p. 473-489, 2019.
- GEPIAK, Luciana Coutinho. *Para além da inflorescência: a produção intelectual de Revocata Heloísa de Melo no contexto da literatura sul-rio-grandense*. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2017.
- HAHNER, June. Honra e distinção das famílias. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Maria J. (Orgs.). *Nova história das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2018.
- LARA, Cristiano Duarte. Julieta de Mello Monteiro: os primórdios da imprensa feminina no Rio Grande do Sul. In: ZINANI, Cecil J. Albert (Org.). *Mulheres gaúchas na imprensa do século XIX: Almanaque de Lembranças Luso-brasileiro*. Caxias do Sul: EducS, 2018.

LEANDRO, Jacilene de Lima; SANTOS, Maria Emilia V. dos. As mulheres e o movimento abolicionista: participação e engajamento (Recife, 1880-1888). *Gnarus - Revista de História*. Rio de Janeiro: v. 10, n. 10, setembro de 2019.

LEVI, Giovanni. Micro-história e história da imigração. IN: VENDRAME, Máira et al. *Micro história, trajetórias e imigração*. São Leopoldo: OIKOS, 2015.

LONER, Beatriz Ana. Verbete A Discussão. In: GILL, Lorena Almeida; LONER, Beatriz Ana; MAGALHAES, Mario Osorio. *Dicionário de História de Pelotas* [recurso eletrônico]. 3ª ed. Pelotas: Editora UFPel, 2017.

LONER, Beatriz Ana. Verbete Diário de Pelotas. In: GILL, Lorena Almeida; LONER, Beatriz Ana; MAGALHAES, Mario Osorio. *Dicionário de História de Pelotas* [recurso eletrônico]. 3ª ed. Pelotas: Editora UFPel, 2017.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2018.

MACHADO, Maria Helena P. T. *O plano e o pânico: movimentos sociais na década da abolição*. 2ª ed. São Paulo: Edusp, 2010.

MARTINS, Ana Paula V. A feminilização da filantropia. *Gênero*. Niterói: v. 15, n. 2, p. 13-28, 1º sem/2015.

MENDONÇA, Joseli Nunes. *Cenas da abolição*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2008.

NUNES, Etiane Carvalho. “Não, a mulher brasileira não é escravocrata”: a participação das mulheres no movimento abolicionista em Pelotas (1881-1884). Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em História). Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2019.

PISCITELLI, Adriana. Re-criando a (categoria) mulher? In: ALGRANTI, Leila Mezan (Org.). *A prática feminista e o conceito de gênero*. Campinas: IFCH Unicamp, 2002.

ROCHA, Karolina Fernandes. Mensageiras da liberdade, porta-vozes da fé: mulheres capixabas no movimento abolicionista do Espírito Santo. *Anais do 7º Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional*, Curitiba (UFPR), 2015. Disponível em: <http://www.escravidaoeliberdade.com.br/>. Acessado em: 17/11/2019.

SANT'ANNA, Thiago. “Noites abolicionistas”: as mulheres encenam o teatro e abusam do piano na cidade de Goiás (1870-1888). *OPISIS – Revista do Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa e Estudos Culturais*. Goiás: vol. 6, p. 68-78, 2006

SANTOS, Cláudia R. Andrade. Na rua, nos jornais e na tribuna: a Confederação Abolicionista do Rio de Janeiro, antes e depois da abolição. In: CASTILHO, Celso T.; MACHADO, Maria Helena P. T. (Orgs.). *Tornando-se livre: agentes históricos e lutas sociais no processo de abolição*. 1ª ed. São Paulo: Edusp, 2018.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para a análise histórica. In: HOLLANDA, Heloisa B. de. (Org.). *Pensamento feminista: conceitos fundamentais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo,

2019.

SILVEIRA, Cássia D. M. *Dois pra lá, dois pra cá: o Parthenon Litterario e as trocas entre literatura e política na Porto Alegre do século XIX*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

VARGAS, Jonas Moreira. O método prosopográfico e o estudo da elite charqueadora de Pelotas (c. 1850 - c. 1900). In: KLEIN, Ana Inez et al (Orgs.). *Estudos de história regional platina*. Porto Alegre: Editora Fi, 2018.